



APORTES PARA EL SINODO

LUGARES

PORTUGUES

Proclamar a verdade do Evangelho caminhando com todos.

Vemos que Jesus, sem limites de amor, limitou-se a uma vida real no espaço-tempo em um pedaço de terra. Isso implica que, por causa dessa parcialidade, podemos e devemos buscar e descobrir sua mensagem, a sabedoria do Evangelho, em todos os outros espaços territoriais com outras particularidades culturais e de visão de mundo. Talvez não a tenhamos encontrado até agora por estarmos muito apegados ao centralismo e ao universalismo da cultura e da visão de mundo ocidentais, que não eram nem mesmo as de Jesus, nas quais ele proclamou o evangelho. É possível que ainda não conheçamos toda a verdade do Evangelho, apenas sob a ótica dessa visão de mundo aramaico-judaica.

No entanto, acreditamos que essa mensagem é universal e pode estar parcialmente presente em todas as culturas que descobriram a sacralidade da vida em sua integralidade e interconectividade e estão em um processo de busca, assim como os cristãos que também conhecem o evangelho em apenas uma visão cultural, a ocidental. Reconhecer e aceitar essa realidade implica interpretar a palavra “proclamar” o Evangelho como “diálogo” entre diferentes parceiros que desejam buscar juntos a plenitude da vida. Um diálogo nas diferentes culturas dos parceiros, porque eles são diferentes, cada um terá um ponto de partida diferente; mas, ao descobrirem que são parte de um todo, mas não a totalidade, abre-se a possibilidade de encontrar outros que também se percebem como partes e que estão dispostos a compartilhar mutuamente suas diferentes experiências de busca, onde podem se complementar como partes. A evangelização inclui a dinâmica da reciprocidade, dando e recebendo, fazendo a jornada juntos. Ambos precisam um do outro para poder continuar caminhando, ambos podem agradecer e desfrutar da contribuição do outro para ver a sua própria de uma nova maneira, com outra visão; também para se aproximar e aprender mais com a maneira de viver e conviver e para entender a vida do outro, complementando e enriquecendo a sua própria. Essa forma de buscar e encontrar no outro levará a um processo de amizade e amor fraterno-soral. Para todos, inclusive para os cristãos, é um desafio entrar em uma caminhada com os outros em um discernimento permanente, olhando para si mesmo com os olhos do outro, que traz uma nova visão do outro e de si mesmo.

Vemos cada vez mais que o planeta está se tornando uma aldeia global, uma única Casa Comum, e não queremos que ela seja globalizada por uma mistura de diversos. Pois a diversidade de múltiplos biomas, culturas e cosmovisões territoriais leva à necessidade

de conhecer melhor os outros e de apreciar e valorizar a longa jornada feita por cada um e de descobrir a presença de um Espírito que os acompanhou nessa jornada. Todas essas pessoas, comunidades e povos, ao longo dessa caminhada e dessa busca, geraram um pertencimento entre si e, geralmente, se reúnem em assembleias esporádicas (ecclesia) para avaliar, reorientar o objetivo e discernir o artificial do autêntico para reanimar a caminhada conjunta rumo ao mesmo objetivo. Isso pode ter milhares de nomes diferentes. Cada um deles reflete adequadamente o sonho de se tornar e viver juntos de forma harmoniosa e em equilíbrio com a plenitude da vida. Alguns exemplos são: a Terra sem Males, o Buen Convivir, o Reino, a Vida em abundância (em plenitude), etc. Ela é sempre expressa em suas próprias palavras geradoras, símbolos, imagens, parábolas, mitos e ritos. Entretanto, a soma de todos esses elementos não pode formar a Igreja universal, pois eles não estão inter-relacionados. Entretanto, conectados pela troca dinâmica de pensamentos, ideias, projetos e ações, interagindo uns com os outros em assembleias semelhantes a diálogos, eles podem se complementar e crescer em direção à totalidade. É um processo possível de construção de uma igreja sinodal cujo símbolo não seria mais a pirâmide, mas o poliedro.